

CARAÇA

UM PONTO ALTO DE 99

JEAN-FRANÇOIS PERRET
GROUPE SPÉLÉO BAGNOLS MARCOULE

Jean François Perret



Caraça

A highlight of the '99 Expedition

After spending a few weeks at Serra do Ramalho, Bahia, the French-Brazilian team now heads to Serra do Caraça, 120km from Belo Horizonte (MG). The goal is to continue the exploration of the vertical caves and – why not? – to try to break the world record of the deepest caves in quartzite (~481m).

The cars are left near the monastery where, until recently, an important school existed. After a brief visit to the nice buildings, it is time to leave towards the peak of the mountain: a hard and steep walk of about 5 hours.

The author describes the first day of exploration, with its expectations, difficulties and discoveries. The crumbling quartzite rock makes progress slow (due to the difficulty of placing bolts), as well as the cold water. By the end of the day the exploration stops at about -250m, still a long way to break the record. But that was only the first day, and everyone is optimistic for what is still to come.

Depois da parte baiana, estamos na última fase da nossa expedição. Muitos dias de viagem foram necessários da Bahia a Minas Gerais, mas felizmente uma escala em São Domingos e outra em Brasília amenizaram nosso périplo.

Durante esse tempo todo, a equipe do Bambuí encarregou-se das provisões para a nossa próxima expedição ao cume da montanha de quartzito que compõe o maciço do Caraça. Lá em cima, esperamos prosseguir a exploração de alguns abismos e, porque não, quebrar o recorde mundial de 481m de profundidade nessa litologia.

Ainda bem cedo carregamos nossos veículos e tomamos o caminho do Caraça, a cerca de cem quilômetros de Belo Horizonte. A viagem

transcorre sem problemas. Chegamos à entrada do parque natural do Caraça e, depois de adquirirmos os ingressos, pegamos uma pequena estrada pavimentada que nos levou ao mosteiro. O Caraça tem uma importância muito grande para os brasileiros; este mosteiro foi, até um passado muito recente, um colégio de muito renome. Várias celebridades brasileiras passaram por seus bancos, inculindo dois presidentes da República. As atividades estudantis tiveram um fim quando um incêndio destruiu uma boa parte da estrutura do edifício.

O Mosteiro é também famoso por receber todos os dias a visita de um lobo-guará. Todas as tardinhas ele vem pedir comida aos pés da igreja, cuja silhueta é o símbolo do parque.



Acampamento-base no Pico do Inficionado. Em grande parte do ano a montanha fica totalmente envolvida pelas nuvens. Na outra parte, falta água.

Foto: Flávio Chaimowicz

LOCALIZAÇÃO DA ÁREA NO ESTADO

Deixamos nossos veículos no estacionamento em frente à igreja e fazemos uma rápida visita às instalações do mosteiro, que são, devo dizer, bastante encantadoras. O cenário que vislumbramos é verdadeiramente soberbo. O conjunto arquitetônico localiza-se em um promontório quase completamente circundado por uma cadeia de montanhas de quase dois mil metros de altitude. A vegetação é densa e a paisagem natural está preservada. Posso facilmente compreender os motivos que levaram uma pessoa a insatolar-se aqui alguns séculos atrás.

Chegando ao fim de nossa visita, é hora de dividir a carga. Trata-se de material de espeleologia, de camping, comida etc. Cada um se encarrega de levar um pouco de cada coisa. Enquanto enchemos as mochilas, elas vão aumentando de tamanho até se tornarem pesadas e volumosas. Uma vez sobre nossas costas, tornam-se parecidos com um famoso gaulês carregando seu menir. Mas há uma exceção: Jean-Luc tem uma técnica muito pessoal para arrumar e carregar sua mochila. Seu menir, reforçado por fitas adesivas e barbante, é bastante assimétrico e desajeitado. Mas ele não existe; consegue, mesmo assim, colocá-la nas costas.

Depois de um lanche regado a Coca-Cola e pequenos sanduíches, na lanchonete local, nossa caravana, composta de oito pessoas, põe-se em marcha. Ezio então nos mostra, no horizonte, nosso destino. Deveremos estar lá no alto em cerca de cinco horas de caminhada.

O caminho que tomamos é, a princípio, bastante simpático e mais ou menos plano. Nesta parte avançamos rápido, com bom passo. As mochilas estão pesadas. Depois de uma hora, o terreno se eleva; logo estaremos aos pés da montanha de quartzito, e o grau de dificuldade vai sem dúvida aumentar. No último riacho antes da subida, aproveitamos para descansar e encher nossos cantis. Logo deveremos prosseguir. A trilha torna-se agora mais estreita, serpenteando por entre os arbustos. Termina o terreno plano, começamos a ascensão. A trilha é, na realidade, o leito seco de uma drenagem temporária que despenca do alto do maciço. O aclave torna-se maior e a subida, com nossas mochilas pesadas, cada vez mais difícil. Cada metro requer mais e mais esforço. Por vezes devemos fazer pequenas escaladas. Entre o primeiro e o último membro da caravana, o desnível é de cerca de trinta metros. Perigo! Desaconselhamos cair! Por fim o aclave diminui e chegamos a um platô, lugar ideal para uma parada. Ezio diz que vimos de subir a parte mais difícil de todo o trajeto. Mas olhando para o cume, bem acima de nossas cabeças, temos lá nossas dúvidas. O Pico do Inficionado ainda não foi vencido. A curta pausa chega ao fim. Pegamos nossas mochilas e recomeçamos a escalada. Logo percorremos algumas dezenas de metros. A trilha tornam-se cada vez pior, com trechos difíceis mas,



com passos regulares, avançamos. O aclave fica menos abrupto e mais regular. Estamos caminhando há quatro horas, o cume está próximo. O ar é fresco, uma leve brisa toca nossos rostos. Depois de uma breve descida, passamos ao longo de uma fenda. Meus companheiros de escalada estão à minha frente e, de repente, desaparecem. Estamos no platô do cume. Apenas mais alguns passos e estaremos no acampamento-base. Um só desejo: Tirar nossos menires das costas. "Ah, se pelo menos Obelix estivesse aqui!"

Aliviados, contemplamos a vista. O horizonte, um pouco enevoado, nos revela um panorama de 360 graus. Estamos como que em uma torre de controle. Ao nosso redor, montanhas, vales e companhias de mineração. Esta região é muito rica em minérios.

Todavia, o Pico do Inficionado foi declarado pelos proprietários área de proteção ambiental. Em poucos minutos nossos amigos brasileiros fazem comentários sobre o maciço e, ao redor de uma imensa fenda, eles nos mostram as grutas já exploradas.

Mas o tempo urge, antes do cair da noite deveremos estar com o acampamento instalado. É preciso antes buscar, em um abrigo secreto, o material das últimas expedições que fora lá deixado. Em seguida, abastecer-nos-emos de água em uma grotta ali perto. Para nossa surpresa, a água que brota da matéria vegetal é de cor amarelada. A princípio, ficamos meio enojados, mas depois de a bebermos constatamos um leve gosto de alcaçuz. Iremos beber dessa água durante quatro dias, sem problema algum.

A noite vai chegando. Armamos as barracas e uma segundo grupo vai buscar água na grotta. A noite traz o frio e a umidade. Logo os mais friorentos, seguidos de perto pelos outros, vestem todas as roupas quentes que possuem. Poucos centímetros quadrados de pele permanecem visíveis. A fogueira do acampamento é muito bem-vinda, apesar da fumaça em turbilhões que nos faz chorar. Cada um se encarrega de uma tarefa diferente para preparar o jantar. Finalmente a água ferve. Esta noite poderemos escolher entre as diversas variedades de pratos liofilizados LYOFAL: cuscuz, macarrão, risoto de peixe... Um verdadeiro regalo! Como é bom reencontrar os sabores da nossa terra a dois mil metros de altitude, em um outro continente!

Após uma infusão de tomilho especialmente trazido pelo Jacques, traçamos os planos para o dia seguinte. Mas rapidamente o cansaço faz-se sentir e, um a um, iremos nos recolher dentro de nossas barracas. Bem protegidos, iremos passar a noite relativamente bem, mas não a manhã. Como nossas barracas não fossem próprias para essas altitudes, a condensação rapidamente transformou-se em água, que rapidamente ensopou nossos sacos de dormir e nossas roupas. Fomos "quase" obrigados a nos levantar ainda de madrugada para secar nossos pertences.

A manhã chega fria, mas ensolarada. Após um farto café-da-manhã à brasileira (presunto, salame, queijo, biscoitos) decidimos formar as equipes, preparar o equipamento e, por fim, entrar na gruta. O desejo e a impaciência estão no limite. Ezio, Jacques e Olivier irão equipar o primeiro poço do abismo. Lilia, Georgete e Jean-Luc farão a topografia; enquanto isso, Benoît e eu iremos tirar umas fotos. Em seguida iremos nos juntar à equipe de frente.

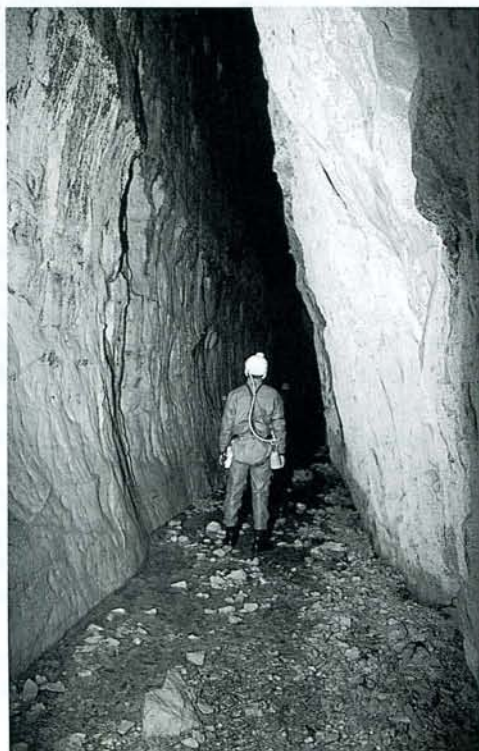
A entrada do abismo consiste em uma fenda de várias dezenas de metros de comprimento. Nossa descida será feita na parte mais estreita: cerca de dois ou três metros de largura, no começo. Um patamar situado quinze metros mais abaixo pode ser alcançado através de uma pequena passagem na extremidade da fenda. Iremos aproveitar esse patamar para filmar as primeiras descidas. Depois de alguns metros, as dimensões aumentam. O vazio torna-se onipresente. Uma passagem técnica nos obriga a pendular cerca de 40m abaixo. A partir desse fracionamento surge a penumbra, e a atmosfera é de pura adrenalina. Sob nossos pés, ainda dezenas de metros de vazio. Somente nosso "fio" de Nylon nos permite desafiar as leis da gravidade.

Cento e dezesseis metros mais abaixo, colocamos nossos pés sobre um solo escuro. Quantidades enormes de guano, excrementos de pássaros, acumularam-se ao longo dos anos no fundo dessa fenda. A largura do poço é, na sua base, de cerca de 6 ou 7 metros. De cada lado toneladas de guano quase entopem a galeria. É aqui



SOB NOSSOS PÉS, AINDA DEZENAS DE METROS DE VAZIO. SOMENTE NOSSO "FIO" DE NYLON NOS PERMITE DESAFIAR AS LEIS DA GRAVIDADE. CENTO E DEZESSEIS METROS MAIS ABAIXO, COLOCAMOS NOSSOS PÉS SOBRE UM SOLO ESCURO.

que iremos reencontrar a equipe de topografia, em seu caminho de volta em direção à parte superior da rede. Quanto a nós, continuaremos a descida, rumo ao encontro com a equipe de frente. Será preciso escalar a negra montanha, afundando até os joelhos nos excrementos secos. No cume, uma pequena passagem permite continuar a descida pelo outro lado e continuar a exploração da gruta. Lá de baixo nos chegam os sons de golpes de martelo. A equipe de frente deve estar preparando as amarrações para descer os poços seguintes, um bom sinal de que os abismos continuam. Do fundo de um poço, percebemos suas luzes. Mais alguns minutos e estaremos com eles, que não poupam comentários: "a rocha é fraca, temos dificuldades em fixar os *spits* com segurança".



A Gruta da Bocaina é formada basicamente por uma longa e estreita fenda, percorrida por uma drenagem ativa. Ao longo dos seus 1.600 metros de extensão, a galeria intercala trechos planos e inúmeras cachoeiras.

Fotos: Ezio Rubbioli

Apesar da técnica do Ezio, serão necessárias várias tentativas até que se consiga uma fixação segura. Esta rocha apresenta particularidades: pode ser dura como o melhor dos concretos, mas pode ser friável como areia, sem grande consistência. Não é fácil, nessas condições, encontrar boas ancoragens. No fundo deste poço, encontraremos um rio. A água que corre é vermelha. Não! Não é uma ilusão de óptica, ela é realmente colorida. Na verdade, essa água corre no guano e se tingiu com seus pigmentos. Não muito apetecedor, isso tudo. Felizmente, não há odores desagradáveis. Todos os cinco juntos, avançamos seguindo o rio. Sua largura média é de três, quatro metros. Um pequeno desnível, uma sucessão de saliências e estamos de volta ao rio.

Esta descoberta é muito simpática e muito peculiar, se comparada aos muitos quilômetros descobertos na Bahia. A

temperatura, a umidade e a verticalidade do sistema, abstraindo a natureza da rocha, lembram um abismo alpino ou pirenaico. Um enorme bloco de sete, oito metros de altura obstrui a galeria, será necessário transpô-lo. Em dois tempos, três movimentos e um lance de corda o bloco é vencido. A progressão continua. Novamente, teremos que transpor grande blocos. Desta vez, chegamos ao topo de um poço. O ritual de fixação de *spits* recomeça. Alguns metros mais abaixo escutamos a água cair. Fixo a última amarra e desço, chegando a uma galeria percorrida pelo rio – “Olhe, a água é menos vermelha!”. Após exclamar isso a meus camaradas, constato que os depósitos de areia são maiores e que quase não há mais guano. As cores da rocha mudam, da mesma forma: são menos escuras, mais terrosas, mais marrons. O resto da equipe junta-se a mim e continuamos a penetrar nas entranhas do Pico do Inficionado. A forma da galeria é sempre a mesma: “meandriforme”. Um desmoronamento obstrui a passagem. Ao nível do solo, seguindo a água, descobrimos uma passagem estreita que nos permite prosseguir. Este local é importante, porque descobrimos uma galeria à direita. Benoît e Ezio farão um rápido reconhecimento. Quando retornam, Ezio pensa que este ramo da rede se dirige à gruta do Centenário. Uma junção com a “recordista mundial” talvez seja possível por este lado. Não sendo este nosso objetivo principal, seguimos pelo rio principal.

Após algumas dezenas de metros, somos de novo contidos por um obstáculo, um poço por onde despenca toda a água do rio. Para equipá-lo,

deveremos nos molhar, ducha fria garantida. As horas passavam e Jacques e Olivier decidiram voltar. Em número de três, prosseguimos. Depois da ducha, uma ducha forçada, e haja vista a temperatura da água, aqueles que não fazem nada começam a sentir frio rapidamente. Revezamo-nos para furar a rocha e fixar uma amarração. Descemos desta maneira muitos poços, chegando a um lago, onde a galeria era mais estreita. Progredimos fazendo oposição, por cima do rio. Subitamente, a galeria se estreita. Somente uma passagem de alguns centímetros deixa entrever uma continuação. Contorcendo-se, Ezio supera o obstáculo. Procuro fazer o mesmo, com a água pelos joelhos, o corpo à moda egípcia. Infelizmente, o cansaço, minha barriga e o frio fazem-me desistir. Benoît, atrás de mim, não está disposto a entrar na água. Ezio vai dar uma olhada e em seguida decidimos voltar.

Estimamos o ponto mais inferior de nossa exploração em cerca de menos duzentos e cinquenta metros. O recorde está ainda longe. Todavia a esperança é a última que morre, e depois de uma exploração relativamente difícil como a de hoje, estamos muito otimistas com o que virá amanhã. A subida se faz sem problemas. A energia gasta na ascensão dos poços permite que nossos macacões sequem um pouco. Apesar disso, o frio e o vento nos surpreendem à saída da gruta. Ainda algumas centenas de metros no meio da noite e nos juntaremos aos outros no acampamento. No topo, no ponto culminante do maciço a mais de 2000m de altitude, percebo o fogo do acampamento. Cinco minutos depois, estou com os outros. Enquanto troco de roupa, conto nossas descobertas a nossos amigos. Ao longe, percebemos as luzes do Benoît e do Ezio, que chegaram.

Para comemorar este primeiro dia cheio de descobertas, abrimos uma garrafa de cachaça e preparamos uma caipirinha. Mas depois de tantos esforços, nossos estômagos vazios estão reclamando. Passamos então ao jantar, com opções variadas de pratos prontos Lyofal. Estas delícias culinárias serão devoradas. Então o chá, algumas brincadeiras e o frio cortante, somente alguns graus acima de zero, nos farão dizer: “boa noite a todos”.

O que aconteceu depois, Olivier lhes contará.

Ω

Caraça Un des sommets de 99

**Jean-François Perret
Groupe Spéléo Bagnols Marcoule**

Après la partie Bahianaise de notre expédition, nous voilà dans l'ultime phase. Plusieurs jours de trajet ont été nécessaires pour aller du Bahia au Minas Gérais. Heureusement, une halte à Sao Domingos et à Brasilia ont entrecoupé notre périple.

Pendant ce temps, l'équipe du Bambui a déjà fait les provisions alimentaires nécessaires à notre expédition au sommet de la montagne de quartzite dans le massif de Caraça. La nuit, nous espérons continuer l'exploration des gouffres et, pourquoi pas, battre le record mondial de - 481 m dans cette roche qui forme cette montagne.

Au petit matin, nous chargeons les véhicules et prenons la direction de Caraça, à une centaine de kilomètres de Belo Horizonte. Le voyage se déroule sans problème particulier. Nous arrivons à l'entrée du parc naturel de Caraça. Après avoir acquitté le droit d'entrer et de stationner, nous empruntons une petite route qui nous mène au Monastère de Caraça. Ce lieu est très symbolique pour les Brésiliens, en effet, ce monastère était, jusqu'à un passé très récent une université très renommée. Plusieurs noms illustres du Brésil ont étudié sur ses bancs et notamment deux présidents de la fédération. L'activité étudiante s'est arrêtée lorsqu'un incendie ravagea une bonne partie des bâtiments.

Une autre réputation du Monastère est d'avoir chaque jour la visite d'un loup. Celui-ci vient chaque soir quêmander sa pitance sur le parvis de l'église. De ce fait, sa silhouette est le symbole du parc.

Nous garons nos véhicules sur le parking en face de l'église. Nous effectuons une rapide visite des lieux qui sont, je dois le dire, assez enchanteurs. Le cadre géographique est vraiment superbe. L'ensemble architectural est au sommet d'un promontoire qui est presque encerclé par une chaîne de montagnes avoisinant les deux mille mètres. La végétation est dense et le cadre naturel est préservé. Je comprends facilement la personne qui a décidé de s'installer ici il y a quelques siècles.

Revenons au but de notre visite, nous devons maintenant répartir les charges. Il y a le matériel de spéléo, de bivouac, la nourriture et plus encore. Chacun est chargé

de prendre une partie de chaque tas sur le sol. Les sacs sont chargés, ils gonflent et grandissent jusqu'à devenir très lourds et très volumineux. Une fois sur le dos, ils nous font ressembler à un gaulois renommé portant son menhir. A une exception près ; Jean-Luc a une technique très personnelle de rangement et de chargement de son sac. Son menhir renforcé de ruban adhésif et de ficelle est plutôt dissymétrique et brinquebalant. Mais qu'à cela ne tienne, il réussit tout de même à le garder sur le dos.

Après une bonne rasade de coca cola et des petits sandwiches pris sur le pouce au snack du lieu, notre caravane composée de huit personnes se met en route. Ezio, nous montre à l'horizon notre destination. Nous devrions être là-haut après cinq heures de marche environ.

Le chemin emprunté est, au début, très sympathique et plus ou moins plat. Dans cette partie, nous avançons d'un bon pas et en rythme. Les sacs sont lourds. Après une heure, le terrain s'élève, nous allons bientôt être au pied de la montagne de quartzite et la difficulté va sans doute augmenter. Nous profitons du dernier ruisseau pour faire une pause et pour remplir nos gourdes. Rapidement, il faut repartir. Le sentier est maintenant plus étroit. Il serpente entre de petits arbres. Les derniers mètres de plat sont arpentés. Nous devons à présent commencer l'ascension. Le chemin est en réalité le lit d'un ruisseau temporaire qui dévale du sommet du massif. La pente devient importante et la progression sous nos lourdes charges de plus en plus difficile. Chaque mètre demande de plus en plus d'efforts. Par endroit, nous devons passer des petits pas d'escalade. Entre le premier et le dernier de la caravane, il y a une trentaine de mètres de dénivelé, attention, chute déconseillée ! Enfin, la pente diminue et nous arrivons sur un replat, le lieu est idéal pour faire une halte. Ezio, nous signale que nous venons sans doute de faire la partie la plus dure. En regardant le sommet au-dessus de nos têtes, nous restons légèrement dubitatifs. Le Pico do Inficionado n'est pas encore vaincu. La courte pause terminée, nous nous chargeons de nouveau et reprenons la montée. Le groupe s'étire maintenant sur plusieurs dizaines de mètres. Les mauvais passages sont de plus en plus difficiles à négocier mais à pas réguliers, nous avançons. La pente est plus régulière et moins abrupte. Cela fait bientôt quatre heures que nous marchons, le sommet est proche. L'air est frais, une légère brise nous

balaie le visage. Après une petite descente, nous longeons une crête. Mes collègues d'ascension sont devant moi, soudain, ils disparaissent. Nous sommes sur le plateau sommital. Encore quelques pas et nous arrivons au camp de base. Une seule envie, se décharger de notre menhir « ha ! si seulement Obélix avait été là ! ». Allégés, nous contemplons la vue. L'horizon quoique brumeux, nous montre un panorama à 360 degrés. Nous sommes comme sur une tour de contrôle. Autour de nous, des montagnes, des vallées, et en bas de celle-ci des mines. Cette région est très riche en matières premières. Toutefois, le Pico do Inficionado (en mauvaise traduction, la montagne pourrie, sans qualité minière) a été déclarée par les carriers propriétaires, zone protégée. Pendant quelques minutes, nos amis Brésiliens, nous commentent le massif. Au bord d'une immense fracture, ils nous montrent les cavités déjà explorées. Maintenant, le temps presse, avant la nuit, nous devons installer le camp. Il faut d'abord aller récupérer dans une cache secrète, du matériel laissé là lors des dernières expéditions. Ensuite, nous devons faire le plein d'eau dans une petite dépression. A notre surprise, l'eau qui suinte à travers la mince couche d'humus est de couleur marron verdâtre. Cette coloration n'est pas avenante dans un premier temps mais après avoir bu nous constatons un léger goût de réglisse. Finalement, nous allons boire cette eau pendant quatre jours sans aucun problème. Après avoir délimité l'emplacement de chaque tente, nous installons nos abris de toile. La nuit pointée, une seconde corvée d'eau est organisée dans le début d'une grotte voisine. Avec la nuit, le froid et l'humidité apparaissent. Rapidement, les plus frileux suivent de près par les autres s'équipent de tous les vêtements chauds disponibles. Peu de centimètres carrés de peau restent visibles. Le feu de camp est très apprécié malgré sa fumée tourbillonnante qui nous fait pleurer. Chacun prend une tâche pour préparer le repas, finalement l'eau bout. Ce soir, nous avons le choix entre les diverses variétés de plats lyophilisés LYOFAL, coucous, pâtes, hachis Parmentier, risotto de poisson ... Un vrai régal. Que s'est bon de retrouver quelques saveurs du pays à deux mille mètres d'altitude sur un autre continent. Après une décoction de thym spécialement apportée par Jacques, nous échangeons quelques plans pour le lendemain. Mais rapidement la fatigue se fait sentir et, un à un, nous allons rejoindre notre couchage. Bien protégés, nous allons passer une

relative bonne nuit, sauf vers le matin. En effet, nos tentes n'étant pas adaptées à l'altitude, la condensation s'est vite transformée en eau qui a rapidement détrempé notre couchage et nos vêtements. Nous avons "presque" été obligés de nous lever de force au petit matin, notre premier travail consistant à faire sécher toutes nos affaires. La matinée s'annonce fraîche mais ensoleillée. Après, un petit déjeuner copieux et de style brésilien (jambon, salamis, fromage, galette ...), nous décidons de former les équipes, de préparer le matériel et enfin d'investir la cavité. Le désir et l'impatience sont à leur comble. Ezio, Jacques et Olivier vont équiper le puits d'entrée de la cavité. Lilia, Georgete et Jean-Luc vont faire la topo et pendant ce temps, Benoît et moi-même allons faire quelques prises vues, ensuite nous rejoindrons l'équipe de tête. L'entrée du gouffre est une faille de plusieurs dizaines de mètres de longueur. Notre descente se fera dans la partie la plus étroite : environ deux à trois mètres au début. Un palier à une quinzaine de mètres du départ peut être atteint par un petit passage à l'extrémité de la faille. Nous allons profiter de ce promontoire pour filmer les premières descentes. Après quelques mètres, les dimensions augmentent. Le vide devient omniprésent. Un passage technique oblige un pendule à moins quarante environ. A partir de ce fractionnement, la pénombre apparaît. L'ambiance fait monter le taux d'adrénaline, au dessous de nous, encore des dizaines de mètres de vide. Seul notre fil de Nylon nous permet de défier les lois de la pesanteur. Cent seize mètres plus bas, nous posons les pieds sur un sol noirâtre. Des quantités énormes de guano d'oiseaux se sont amoncelées au fil des ans au fond de cette faille. La largeur du puits à sa base est d'environ six à sept mètres. De chaque côté des monts de guano bouchent presque la galerie. C'est ici que nous retrouvons l'équipe des topographes, ils vont aller vers l'amont du réseau. Quant à nous, nous allons vers l'aval rejoindre l'équipe de tête. Il nous faut escalader la montagne noirâtre, nous nous enfonçons jusqu'aux genoux dans les excréments secs. Au sommet, un petit passage permet de redescendre de l'autre côté et ensuite de continuer l'exploration de la cavité. D'en bas, nous proviennent les bruits de coups de marteau. L'équipe de pointe doit être en train de poser les amarrages pour descendre les puits suivants, c'est bon signe le gouffre continue. En bas d'un puits, nous apercevons leurs lampes. Quelques minutes

plus tard, nous faisons la jonction, les commentaires des premiers vont bon train – « La roche est pourrie et nous avons du mal à faire tenir les amarrages ».

Malgré la technique d'Ezio, il faut plusieurs tentatives pour avoir une cheville sûre. Cette roche est particulière, soit elle est dure comme le meilleur des bétons, soit c'est du sable sans grande consistance. Il n'est pas évident dans ces conditions de planter de bons ancrages. En bas de ce puits, nous découvrons et rejoignons une rivière. L'eau qui coule est rouge. Non ! ce n'est pas une illusion d'optique, elle est réellement colorée. En fait, cette eau coule dans le guano et se charge des colorants de celui-ci. Pas très appétissant tout cela. Mais heureusement, il n'y a pas les odeurs. Tous les cinq regroupés, nous avançons en suivant la rivière. La largeur moyenne est de trois ; quatre mètres. Un petit puits, une succession de ressauts et nous sommes de nouveau à la rivière. Cette découverte est très sympathique et très changeante par rapport aux kilomètres découverts dans le Bahia. La température, l'humidité, la verticalité du réseau font ressembler cette cavité, en faisant abstraction à la nature de la roche à un gouffre des Alpes ou des Pyrénées. Un énorme bloc de sept ; huit mètres de haut obstrue la galerie, il faut l'escalader. En deux temps, trois mouvements et un jet de corde, l'obstacle est vaincu. La progression continue, à nouveau, nous devons remonter et escalader de gros blocs. Cette fois, nous arrivons au sommet d'un puits. Le rituel du planter de spits reprend. En dessous, à quelques mètres, nous entendons l'eau cascader. Je pose la dernière cheville et descends. J'arrive dans une galerie parcourue par la rivière, - "Tient l'eau est moins rouge !". En lançant cette exclamation vers mes camarades, je constate que les dépôts de sable sont plus denses et qu'il n'y a presque plus de guano. Les couleurs de la roche changent également, elles sont moins noires, plus terreuses, plus marron. Le reste de l'équipe me rejoint et nous continuons de nous enfoncer dans les entrailles du Pico do Inficionado. La forme de la galerie est toujours la même ; "méandrique". Un éboulis bloque le passage. Au sol, en suivant l'eau, nous découvrons une lucarne étroite qui nous permet de continuer. Cet endroit est important car nous découvrons une galerie sur la droite. Benoît et Ezio vont faire une rapide reconnaissance. A leur retour, Ezio pense que cette branche du réseau se dirige vers la grotte du Centenario. Une jonction avec le record du monde est peut

être possible de ce côté. Cela n'étant pas notre but premier, nous continuons dans le réseau principal. Après quelques dizaines de mètres, nous sommes de nouveau stoppés par un nouvel obstacle, un puits ou toute la rivière se jette. Pour l'équiper, nous allons devoir nous mouiller, douche fraîche garantie. Les heures ont passé Jacques et Olivier décident de remonter. A trois, nous continuons. Après la douche, une douche forcée, et vu la température de l'eau ceux qui ne font rien ont rapidement froid. A tour de rôle, nous forons la roche et posons un amarrage. Ainsi, nous descendons plusieurs puits. Nous arrivons sur un plan d'eau, la galerie est plus étroite. Nous avançons en opposition au-dessus de la rivière. Soudain, la galerie se resserre : seul un passage de quelques centimètres en trou de serrure laisse espérer une suite. En se contorsionnant, Ezio franchit le passage. Je le tente à mon tour, dans l'eau jusqu'aux genoux, le corps à l'égyptienne, je m'engage. Hélas, la fatigue, l'embonpoint et le froid me font échouer. Benoît derrière moi, n'est pas décidé à se mettre à l'eau. Ezio va jeter un coup d'œil et nous décidons de remonter. Nous estimons le point bas de notre exploration à environ moins deux cent cinquante mètres, le record est encore loin. Toutefois l'espoir est grand et après une exploration relativement difficile comme celle d'aujourd'hui, nous sommes très optimistes pour le lendemain. La remontée se pose sans problème. L'énergie dépensée pour l'ascension des puits permet à notre combinaison de sécher un petit peu. Malgré cela, le froid et le vent nous saisissent à la sortie du gouffre. Encore quelques centaines de mètres dans la nuit extérieure et nous aurons rejoint les autres au campement. Sur la crête, au point culminant du massif à plus de 2.000 mètres d'altitude, j'aperçois le feu de camp. Cinq minutes plus tard, je suis avec les autres. Tout en me changeant et en revêtant des habits secs, je commente la pointe à nos amis. Au loin, nous apercevons les lumières de Benoît et d'Ezio qui arrivent. Pour fêter ce premier jour plein de découvertes, nous ouvrons une bouteille de cachaça et faisons la caipirinha. Mais après tant d'efforts, nos estomacs vides réclament. Nous passons donc au souper avec un choix complet de plats cuisinés Lyofal. Ces préparations culinaires seront dévorées. Ensuite une tisane, quelques blagues et le froid vif, seulement quelques degrés au-dessus de zéro, nous ferons dire : "bonne nuit les enfants".

La suite, c'est Olivier qui vous la racontera.